

Prefácio

André Mendes nos mostra, neste trabalho, como Ângela Lago faz surgir um mundo a partir de fragmentos de vários outros, pertencentes a diversos modos de representação. Ela introduz elementos gráficos para ilustrar a história, ultrapassando – e muitas vezes contrariando – a expectativa do leitor. Dessa mistura de sistemas semióticos resulta um texto mais complexo, um terceiro modo de significação com maior potencialidade que a soma de suas partes nos levaria a crer.

Para que esse mundo ficcional complexo venha a existir, é necessário haver um leitor que reconheça os códigos utilizados, que tenha expectativas culturalmente determinadas. Satisfeitas essas exigências, têm-se, então, as condições propícias para a gênese do sentido. Mas o novo sistema só se torna semiótico, isto é, só é capaz de significar, a partir do encontro dos objetos com a mente que os interpretam.

A tradicional oposição entre um sujeito dotado de faculdades intelectuais natas e um objeto portador de informações sensoriais se repete nas teorias sobre a leitura. Para a linha que poderíamos chamar de relativista, cada leitor traz consigo o sentido do texto, que serviria apenas como pretexto para suas idéias e gostos. Em oposição, teríamos uma tendência fundamentalista, que localiza o significado no texto, o qual concretizaria, assim, a intenção do autor. Devido a seus aspectos, tanto positivos quanto negativos, ambas as posições apresentam divergências irreconciliáveis, deixando em aberto a questão do que acontece ao lermos um texto. [11]

Para resolver o impasse entre sujeito e objeto, ou leitor e texto, André Mendes adota um ponto de vista semiótico e mostra a relação necessária entre um e outro na geração de significado. O texto, assim como qualquer objeto – e, por extensão, o mundo – se apresenta ao sujeito para ser interpretado. O sujeito o interpreta, isto é, lhe atribui valores que regulam a interação entre eles. Quer faça parte ou não da experiência de um organismo, o objeto existe por si próprio, mas ao se tornar objeto da experiência, adquire significados até então inexistentes. Um exemplo desse processo são as constelações: “enxergamos” nas estrelas relações convenientes a nós, mas que não existem para elas necessariamente. Da mesma maneira, o sentido do texto não está só nele, nem só na

mente do leitor, mas surge do encontro da mente com o texto, influenciado por variáveis individuais e culturais.

Ao contrário de grande parte da práxis crítica, André Mendes não vai ao texto de Ângela Lago com um aparato teórico predeterminado. A partir do próprio texto, ele cria seu método de leitura, conseguindo, assim, preservar a dimensão estética. Conhecedor experiente das diversas teorias das áreas de Letras e Comunicação, ele as domina, e não o oposto, o que poderia levar a uma análise mais acadêmica, porém fatal para o texto de Ângela Lago. Eis aqui o êxito de André Mendes: abordar o texto com o espírito de um amante apreciando o objeto do seu desejo, e não com a disposição de um colecionador, que fixa seu objeto e o mata, para melhor dissecá-lo. André é generoso em seu amor pelo texto e o compartilha conosco. Aceitemos, pois, seu convite. [12]

Julio Jeha